

## ASSIM COMO NO ORTO DO ESPOSO

Wandercy de Carvalho (UFF)  
[wandercycarvalho@yahoo.com.br](mailto:wandercycarvalho@yahoo.com.br)

### 1. Introdução

A língua portuguesa, igual a qualquer língua viva, está sujeita a modificações ao longo do tempo; apesar desse dinamismo, os acordos técnicos e as convenções normativas e culturais tentam fazer com que ela permaneça estável ao longo dos tempos. Por outro lado, mesmo com as normas estabelecidas, ainda existem estudos que podem ser desenvolvidos em novos campos de pesquisas. Aqui, em especial, a construção *assim como* e a sua polissemia; sendo, então, a finalidade deste trabalho, contribuir para o estudo da construção *assy como* presente no livro medieval *Orto do Esposo*, observando as categorias semântico-sintáticas da mesma. O *corpus* constitui-se de 208 ocorrências da construção *assy como* encontradas no livro citado.

### 2. Pressupostos teóricos

O princípio teórico adotado é aquele, segundo o qual, os diferentes usos de *assim como* têm origem em uma trajetória de mudança pelo processo de gramaticalização, marcada por espaço > tempo > texto, conforme Heine *et alii* (1991). Teoria que destaca os processos de mudanças de itens lexicais (verbos, substantivos, adjetivos) e construções gramaticais (preposições, conjunções, advérbios) que se reorganizam no discurso, ao longo da história das línguas.

A formação primitiva de *assim como*, segundo Faria (1962, p. 919) vem de *sicut*. Esta construção gramatical é um advérbio e significa: "*do mesmo modo que, assim como, como*". A base ou raiz *sic* é outro advérbio mais antigo e faz ainda correlação com *ut*. *Ut* é advérbio e conjunção, também se une a *sic* ou *ita*. Faria (1970, p. 18) observa: "há uma peculiaridade das línguas indo-européias que só se encontra no latim e no osco-umbro: a junção da enclítica *-ce* para reforçar os demonstrativos, dando as formas latinas *hic, istic, illic* etc.". Ao que parece, esta partícula agregou-se a outros elementos

gramaticais, dentre eles a conjunção condicional latina *si*. *Si + ce > sic*. De igual modo, *a + ce > ac > atque*: conjunção aditiva: "*e, do que, assim como*", (Cf. FARIA, 1995).

Essas numerosas combinações transformam a conjunção e advérbio *sicut* em uma espécie de *transpositor container*, uma construção linguística polissêmica e, possivelmente, seja este o fato que provoca tantos modos de fazer, não só *comparações*, como, também, *adições*. E a facilidade que esta construção tem para "transitar" entre orações coordenadas e subordinadas, demonstra o grau de complexidade para analisá-la.

Portanto, as duas conjunções latinas 1) *sicut*; 2) *atque* embora não sendo mais usadas, na escrita, no século XV, parece que ainda chegam a exercer influências nos autores daquela época, e isto se dá, possivelmente, pelo fato das muitas leituras em latim. Esta *contaminatio* vai se manifestar na nova língua portuguesa que, aos poucos, se estabelece. Talvez por estas razões, no texto *Orto do Esposo*, a construção *assy como* desempenha várias funções conforme é possível constatar a seguir.

### 3. *Conjunções subordinadas*

A análise demonstrou que a construção *assy como* desempenha, além de outras funções, três tipos particulares de conjunções subordinadas. São elas: comparativas correlativas de igualdade (*não só ... como também.*), *comparativas não correlativas* e as *conformativas*.

#### 3.1. Comparativas correlativas de igualdade

Ex: 01

*Assy como* ho orto do parayso terreal he muyto delectoso com flores muy fremosas, *bem asy* êno orto da Sancta Scriptura ha muitas flores muy esplandentes em sua color. (p. 11)

Em (01), o primeiro termo da comparação *assy como* exigindo o seu correlato *bem asy* caracteriza a relação de interdependência entre as orações, ou seja, existe uma coisa que serve de modelo para

outra, mesmo que o segundo termo comparado seja *da mesma natureza* que o do primeiro: *orto x orto*, o que difere é o local onde cada um se encontra. Neste exemplo, *Assy como* está relacionada à construção *não só ... mas também*.

### 3.2. Comparativas não correlativas

As orações comparativas não correlativas não apresentam dois termos como as correlativas, e se caracterizam por apresentar, segundo Neves (2000, p. 900) "*conjunção ou locução conjuntiva* indicadora de comparação de igualdade: *como, assim como, tal como, do mesmo modo que* etc.". A autora ainda classifica as construções comparativas não correlativas em: a) qualitativa, b) quantitativa. Ambas indicam modo e estão relacionadas à igualdade, sendo que a segunda tem sentido de "*adição, com indicação de igualdade de proporção*".

Ex: 02

a) Ëna rresurreyçom dos mortos nã casarõ os homêês, mas serom *assy como* angios de Deus no parayso. (p. 47)

a.1) Ëna rresurreyçom dos mortos nã casarõ os homêês, mas serom *tal como* angios de Deus na parayso

Ex.: 03

a) Aly todo justo florece *assy como* palma ãna cassa do Senhor. (p. 71)

a.1) Aly todo justo florece, (*e também, na mesma proporção*), a palma ãna cassa do Senhor.

Conforme o exposto em (02) e (03), a conjunção *como* ou as locuções *do mesmo modo que, tal como* etc. demonstram ser a função de conjunção subordinada comparativa a mais prototípica para a construção *assy como*, e que, talvez por isto, ela resiste até os dias de hoje. Por outro lado, algumas outras funções que serão apresentadas a seguir, *foram mais passageiras* e desapareceram. Isto reflete a *mobilidade* e a *dimensão polissêmica* alcançada por esta construção no texto *Orto do Esposo*. Fatos que vão constatar os princípios teóricos apontados por Heine *et all.* (1991); Hopper (1991) etc.

### 3.3. Conformativas

A proximidade entre as orações comparativas e as conformativas é muito grande. E para reduzir as dúvidas no momento de análise entre ambas existem certas recomendações, mas as mesmas podem induzir a equívocos, tendo em vista não levarem em consideração as *aparentes* ou *pseudoconformativas*; estas ocorrem na presença da preposição accidental. Ex.: *Agiu como/assim como/conforme* as regras. Os conectivos assinalados neste exemplo não contribuem para a formação de uma oração conformativa; os mesmos formam apenas sintagma nominal estabelecendo noção de conformidade. Entretanto, para evitar dúvidas, se *como* ou *assim como* puder ser substituído pela locução subordinativa *do modo que*, a oração será conformativa.

Ex.: Foi eleito *como/conforme* esperava: Foi eleito *do modo que* esperava.

Ex.: 04

E sseria muy justa cousa de acontecer aas molheres que tragẽ o grande afeytamẽto e o entocado sobeyo ãnas cabeças assy como aconteceo ã Paris a hũa molher muy louçãã, que leuaua ã sua cabeça afeytamento e ãtoucado cõ cabellos alheos. (p. 177)

Neste exemplo é possível substituir *assy como* por *como/conforme*, *segundo* ou *do modo que*, assinalando, assim, uma conjunção subordinada conformativa. Na atualidade, as construções conformativas, geralmente, exprimem acordo ou conformidade, mas talvez em função do objetivo ou da estrutura da obra em estudo, ela é usada, também, para expor exemplos ou fatos:

Ex.: 05

Qual he aquelle que seguramente pode seer louuado en quanto he uiuo? Certamente *aadur* pode seer, ca muytos som louuados e de grande fama ãna uyda que som condẽpnados depois da morte, porque eram louuados cõ mêtira, *assy como* se mostra per estes recõtamentos que se sseguẽ. (p. 119)

#### 4. Orações coordenadas

A construção *assy como* também surge na sintaxe coordenativa, e, embora ela apareça reduzida em número, apresenta maior variedade, dentre esta, é possível destacar as aditivas correlativas.

##### 4.1. Aditivas correlativas

Ex.: 06

*Ualerio fez a sua semelhança a esta aue da pouquidade das boas molheres. Ca, assy como esta aue aadur pode seer uista e achada, bem asy a boa molher aadur pode ser achada. (p. 168)*

Em (06) A ave mal *pode ser encontrada*, e também a boa mulher mal *pode ser encontrada*, a ave e a boa mulher dificilmente *podem ser encontradas*. Neste caso, embora existam dois sujeitos, *não há modelo e nem modelado*, logo, não há comparação, mas apenas somas entre os fatos correlacionados. Dois agentes relacionados e um só predicado.

##### 4.1.1. Aditiva correlativa intensiva

Ex.: 07

*Assy como a berbeleta tanto anda voando acerca da candeia ataa que see queyma ã ella, bem asy fazem aquelles que ameude husam a cõpanha das molheres. (p. 167)*

A borboleta *se queima na luz*, e o homem *se queima* também. A borboleta e os homens se queimam (se prejudicam). Este exemplo é semelhante ao (06) no que se refere à adição; porém, aqui tem o elemento quantificador *tanto*, que afeta os dois agentes, assinalando grau de *intensidade* repetitiva, (de tanto voar ao redor da luz, a borboleta se queima), e os homens, de tanto ficarem junto das mulheres, um dia eles se prejudicam. Dois agentes: homens x borboletas relacionados a seus modos de agir.

#### 4.1.2. Aditiva correlativa agentiva

Ex.: 08

Ha hy *hũa* maa ãfirmidade que eu uy (...): ryquezas ajütadas por mal de seu senhor. Ca pereço ã afliçom muy maa. **Assy como** sayu nuu do uentre da sua madre, *assy* se tomara. (p. 65)

O homem nasce nu, o homem, ao morrer, não leva nada. Diferente das correlações anteriores, nesta existe um só agente correlacionado a dois verbos. Em (06), (07) e (08) *assy como* é palavra denotativa de inclusão.

#### 4.1.3. Aditivas correlativas opositivas

Neste caso, a relação entre as orações coordenadas marcadas por *E* assinala um fato correlativo aditivo, mas com o sentido oposto do convencional:

Ex.: 09

Mas ãna rresurreyçom dos mortos nõ casarõ os homẽes, mas serom *assy como* angios de Deus no parayso, ao qual ceo nõ auiam os homẽes entrada, ataa que se conpriu aquello que disse Sam Paulo, que, *asy como* pello homẽ [ueo a morte], [s. per Adam], [bem *asy* pelo homẽ] he a rresurreyçom dos mortos, cõuem a saber per Jhesu Christo, *assy como* em Adam todos morrem, *bem asy* ã Jhesu Christo todos seerã auuiëtados. (p. 47/48)

Por um lado, em Adão todos morrem, e por outro, em Cristo todos vivem, ou ainda. *E* em Adão todos morrem, *e* em Cristo todos vivem. Vida x morte é o tema central da proposição, cabe ao homem medieval escolher o caminho a seguir. Este *E* aditivo pode ser denominado de: *aditivo de ponto de vista*.

## 4.2. Aditivas seriais

Moura Neves (2000, p. 743), atribuindo valores semânticos para a conjunção coordenativa aditiva *E*, identifica as construções polissindéticas como aquelas cujo "efeito de acúmulo é particularmente sentido quando a marca *aditiva E* se repete".

Ex.: 10

Jhesu Christo, que he sabedoria *E* uerbo de Deus Padre, perdurauel cõ elle per todo *E* en todo, nõ podia seer conhecido da *creatura* do mûdo, que he ho homẽ, ataa que sayu da boca do muy alto Senhor Deus *E* que foy reuelado *E* demonstrado per Deus ante os olhos das creaturas razoau-ees, que som os homẽes, bem *assy como* (= *E* tambẽm) a palavra, que o homẽ tem formada *E* pensada dentro em sua mête ... (p. 44)

O exemplo revela recursos aditivos que vão se acumulando numa espécie de  $e + e + e + e + n$ . *Assy como*, (*e tambẽm*), é um conectivo aditivo usado pelo monge, para dar ênfase ao que vem dizendo, é um elemento retórico, usado para convencer. Moura Neves chama este recurso de aditivo "com efeito de acumulo". Um traço relevante entre esta ocorrência e a aditiva correlativa, é o fato de, neste caso, a construção *assy como* aparecer após uma sequência de aditivas (*E*), motivo que parece justificar a hipótese de reforço enfático para aquilo que o monge vem dizendo.

#### 4.2.1. Aditivas seriais privativas

Ex: 11

Nõ demãda o olheo *nẽ* rooe os fectos alheeos *nẽ* se muda ameude ã artes desuayradas *assy como* (e *nem*) a arteyrice que, por seer percebida, teme todas as cousas *nẽ* cree aos seus cõselhos mas reouluue todas suas sentenças. (p.128)

Em (11), *assy como* é um conector coordenativo aditivo enfático (*e nem*), e este *nem*, contrário de sua tradicional ocorrência negativa, aqui ele coordena uma série de orações de caráter privativo.

Para concluir o tema sobre coordenadas, conforme visto no Ex: (01), é possível notar que, quando a construção *assy como* exige a sua correlata *bem asy*, ou seja, o padrão *não só ... mas tambẽm*, caracteriza a relação subordinativa comparativa correlativa, em função do *modelo* e *do modelado*. Por outro lado, nos exemplos (06), (07), (08) e (09) quando não há esta exigência, a construção se revela como conjunção coordenada correlativa aditiva.

## 5. Evidencial

Neste trabalho não contém estudos aprofundado sobre evidenciais, esta categoria linguística aparece aqui, em função da rela-

ção que a construção *assy como* desempenha com os mesmos. Para os estudiosos do assunto, *evidencial* é uma categoria linguística, formada por uma construção gramaticalizada ou não, que contém um relevante conteúdo de informações. (Cf. Galvão, 2004). É, ainda, um sintagma de construção binária desenvolvido e cristalizado pelo uso, capaz de se articular como nova unidade gramatical. Casos com esta natureza estão aqui as construções "*assy como diz*", e "*onde diz*". Em ambas ocorrências, o grau de compromisso entre o autor do texto *Orto do Esposo*, com a fonte citada, ainda que não revelada, é muito significativo.

### 5.1. Assy como diz

Ex.: 12

A aruor da palma significa a uitoria da ressureyçom dos mortos, ã que sera a morte uêçuda, **assy como diz** Sam Pedro: Absoruuda he a morte ã uitorya. (p. 12)

A construção evidencial "*assy como diz*", se caracteriza por identificar o locutor da mensagem a ser anunciada, fato que atribui à mesma, um nítido aspecto catafórico, ela é, conseqüentemente, a origem da informação a ser dada; assinala, ainda, uma voz que vem de fora para o interior do texto. Além disso, indica um *recurso de erudição* usado pelo monge narrador para dar credibilidade às suas próprias palavras.

Na ocorrência, "*assy como diz* Sam Paulo", a construção *assy como* tem sua equivalência com outras iguais a: *segundo diz* São Paulo / *conforme diz* São Paulo ou *do modo que diz* São Paulo. O verbo declaratório ou dicendi vai acarretar, com isso, em uma construção subordinada conformativa.

Entretanto, a mesma construção ainda pode ser observada como: *E diz* São Paulo, "*E bíblico*". Termo usado por Rocha Lima (1975) para distinguir do *E* da língua geral. Em "*e diz* Sam Paulo, *e diz* Sam Pedro" etc., tais construções têm nítida noção aditiva. E por que isto acontece? A resposta pode ser encontrada na formação da língua, como foi visto na parte teórica, *assim como* e *e* têm a mesma origem, vem de *sicut*.



O que indica motivar a existência de: *assy como diz e, e diz*, é o fato relacionado ao contínuo processo de gramaticalização, na primeira ocorrência ainda permanece uma sutil predicação verbal, (item lexical), por outro lado, em "*e diz*", esta construção parece proporcionar noções mais abstratas, própria dos itens gramaticais. A ocorrência com "*e diz*", é, também, muito comum no texto em estudo:

Ex.: 13

*E diz* Boecio: O appetito e o deseyo dellas he cheo de coyta, e a fatura dellas he cheo de rependimêto. (p. 185)

## 5.2. - Onde diz

Ex.: 14

E o loguar da Escritura que lya o castrado era aly *hu diz*: *assy como* a ovelha foy tragido aa morte. (p. 24)

Ex.: 15

*Onde diz* o sabedor: Se a cauares *assy como* thesouro, acharas a sciencia de Deus em ty. (p. 23)

Ex.: 16

**Onde diz** Sancto Agostinho: Predestinada he a nossa natureza, que nõ ouue luguar hu se leütasse mais alta, **assy como** por nos a deuiidade nõ ouue luguar hu se abayxasse mais humildosamête. (p. 47)

Em (14), "aly hu diz" apresenta uma nítida noção dêitica mostrativa *ali onde*. (*Illic ubi*), a tipologia é um evidencial de similaridade: Semelhante à ovelha (ele) foi trazido à morte. *Assy como* = semelhante a. Em (15), a construção binária "onde diz", por ser um elemento externo à oração principal, não é capaz de afetá-la, por isto, pode apresentar um sentido e a oração, outro. Neste caso em especial, a oração em tratamento é uma subordinada Condicional: "Se a cauares *semelhante a* thesouro, acharas a sciencia de Deus em ty. É, portanto, um evidencial de semilariadade. Por sua vez, a construção "onde diz" pode ser substituída por: conforme. "*Conforme diz* o sábio: Se cavares semelhante a tesouro, acharás a ciência de Deus em ti". Ou seja, se procurares com muito interesse, descobrirás que existe a presença de Deus em ti.

Em (16), tal como em (15), a noção declaratória do verbo *dicens* está de tal forma desgastada, que também pode ser substituída por conforme. "Conforme diz Sancto Agostinho: Predestinada he a nossa natureza, que nõ ouue lugar hu se leuâtasse mais alta, *quando* por nos a diuïdade nõ ouue lugar hu se abayxasse mais humildo-samête." A presença deste elemento temporal faz destacar a teoria adotada aqui como base, pois se no período medieval era possível esta ocorrência, e a mesma não ser encontrada nos dias de hoje, assinala o constante processo de mudança conforme propõe o funcionalismo.

As construções "*assy como diz*"; "*e diz*"; "*onde diz*" indicam seguir o princípio funcionalista de flexibilidades dos sistemas linguísticos (HOPPER, 1991), o qual estabelece a mudança com o uso, tendo em vista que estas construções parecem ter sido desenvolvidas a partir do verbo dizer, que vem do latino *dicere*; até se cristalizarem como construções *independentes e paralelas* àquele verbo. Ou seja, ao mesmo em tempo que as formas paradigmáticas (ex: eu digo, tu dizes, ele diz etc.) eram usadas, as construções apresentadas acima continuavam com o processo de gramaticalização. Nelas pouco ou nada ficou da noção pronominal (ele diz), ainda que a desinência de pessoa tenha permanecido. É a noção de que a tendência de redução fonética induz mudanças, conforme observam os princípios da gramaticalização, é possível dizer que a menor das três construções "*e diz*" seja a mais gramaticalizada. Apelando para uma ousada hipótese, talvez seja possível dizer que, no princípio, ela teria a forma: "*e ele diz*". Algo semelhante ao que resultou de: *et cum edere* > *comedere* > *comer*, ou da mais recente construção: *não é verdade?* > *não é?* > *né?* Conformata está em Martellota (1996, p. 278), situações que mostram a δύναμις da língua.

## 6. Análise dos dados e conclusão

As tabelas abaixo apresentam os números de ocorrências de cada tipo de função assumida pela construção *assy como*, ao longo de todo o livro *Orto do Esposo*.

CONJUNÇÕES SUBORDINADAS	Nº de ocorrências	Total (208)
Comparativas Correlativas	33	
Comparativas Não Correlativas	36	

Conformativas	55	
---------------	----	--

**Tabela 01 – ocorrências de *assy como* na função de conjunção subordinada**

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS	Nº de ocorrências
Aditivas correlativas	13
Aditivas sereias	11

**Tabela 02 – ocorrências de *assy como* na função de conjunção coordenativa**

EVIDENCIAIS	Nº de ocorrências
<i>Assy como diz</i>	13
<i>Onde diz</i>	22

**Tabela 03 – ocorrências de *assy como* na função de evidências**

OUTRAS OCORRÊNCIAS	Nº de ocorrências
Ocorrências não analisadas	25

**Tabela 04 – outras ocorrências para *assy como***

Tabela 01: Das (208) ocorrências da construção *assy como* encontradas no texto *Orto do Esposo*, apenas 36 delas desempenham a função propriamente dita de Conjunção Subordinada Comparativa, isto demonstra o quanto estava indefinido o "lugar" da mesma. E, dado a sua diversidade, parece que ela agia como uma espécie de coringa, visto que podia ser usada em muitas situações diferentes, tanto no que diz respeito à sintaxe quanto ao discurso.

O elevado número de Conjunção Conformativa surpreendeu. Principalmente aquelas ocorridas com o verbo fazer. Dentre as 58 encontradas, (25) delas ocorrem com este verbo, e elas estão assim distribuídas: *assy como fazia* (09); *assy como fez*; (05); *assy como faz*; (04); *assy como fazem* (04); *assy como faziam*, *assy como fizerdes*, *assy como* foi feito ocorre uma de cada.

Este elevado número de construção *assy como* com o verbo fazer assinala um processo de gramaticalização específica? Pois, como visto, os recursos linguísticos com este verbo, àquela época, são muitos. Além de poder ocupar o lugar dos evidenciais, "onde diz", e, "e diz", *assy como*, junto ao verbo fazer, *indica estar em um processo de mudança* para outra construção, mas não para a classe dos evidenciais, estes indicam ter ficado em uma classe de palavras "diferente" a dos advérbios e conjunções. *Assy como*, junto ao verbo fazer, *foi mais longe* e alcançou a classe das conjunções:

Ex.: 17

"O eclipsi nõ tyra o lumẽ a todallas partes da terra, *assy como* fazia aquelle." (p. 36).

A construção em destaque pode ser substituída por, *conforme* sem que haja prejuízo no conteúdo: "*assy como* fazia aquelle"/ *conforme* fazia aquele. Ainda existe a possibilidade da permuta com a conjunção coordenativa aditiva: O eclipse não tira a luz de toda a terra, *e* aquele tirava. Ou ainda: o eclipse não tira toda a luz da terra, *mas* aquele tirava. Esta polissemia, conforme a base teórica aqui adotada, é própria de construções que estão em processo de mudança.

Tabela 02: Onde estão identificadas as Orações Aditivas Correlativas é possível dizer que a *estrutura* das mesmas é diferente daquelas apresentadas por Bechara (2001, p. 330), Neves (2000, p. 742) e Said Ali (1964, p. 133). Tais atores identificam construções aditivas no padrão *não só ... mas também*, entretanto no texto em estudo este padrão não se manifesta; as encontradas com estas características apresentam *dependência* entre as correlações. Por isto, foram classificadas como *Orações Subordinadas Correlativas*. Por outro lado, em Oiticica, (1952, p. 20), embora ele desenvolva uma teoria específica para a correlação, existem semelhanças entre aquelas que ele apresenta, com as encontradas no *Orto do Esposo*.

Ex.: 18

*Não somente* Marilda socorreu a pobre família, *mas também* adotou as duas órfãs.

*Assy como* Marilda socorreu a pobre família, *bem asy* adotou as duas órfãs.

Marilda socorreu a pobre família, *e também* (ela) adotou as duas órfãs.

Semelhante ao exemplo (08), em (18) aparece um só agente e dois verbos, caracterizando um fato "meramente aditivo.

Tabela 03: Aqui estão outras funcionalidades para a construção *assy como* não previstas inicialmente. A classe dos evidenciais tem significativa importância, uma vez que ela assinala as vozes dos "sabedores", as informações que compõem o texto em estudo. No entanto, a mesma, naquela época, parece não estar bem definida, (está flexível, difusa), pois, segundo o exemplo, "*assy como diz* Sam Paulo:", é possível escrever também: *conforme* diz Sam Paulo: ou *do*

*modo que* diz Sam Paulo: Esta expressão catafórica, flexibilizada como está, reúne, em si, elementos de valor conformativo.

Tabela 04: Estas construções estão de tal forma indefinidas, que não foi possível dar a elas uma única classificação.

Por fim, a construção *assim como*, no texto em estudo, ocorre como conector subordinativo (três tipos), palavra denotativa de inclusão, conjunção aditiva, evidencial; ocasião em que, também, aparece indicando tempo (*quando*). Assim, ora atua na sintaxe, ora no discurso. E estas funções, originadas do constante processo de mudança, nunca ficam prisioneiras ou específicas da sua própria categoria, ou seja, elas são difusas, são indiscretas, não fixas, talvez em função de sua múltipla e confusa formação inicial vinda desde o latim *sicut*.

Nos sites eletrônicos, onde é possível encontrar discursos do papa João Paulo II, é fácil constatar o baixíssimo número de ocorrência da construção *assim como*, e quando ela é encontradas exerce a função da conjunção coordenativa aditiva (*e também*).

Ex.: 19

Platão, Aristóteles e os estóicos davam uma grande importância a esta realização – eudemonia – como objetivo da vida humana, e viam na dimensão moral o caminho para alcançar esta meta. Para eles, *assim como* para os grande filósofos (...)\* (e também)

Por outro lado, o "excesso" de *assy como* no *Orto do Esposo* induzindo a pensar ser este texto construído, maioritariamente, com orações comparativas, tal hipótese não pôde ser constatada, tendo em vista que a polissemia desta construção prevalece e se estende tanto no discurso quando na sintaxe gramatical, caracterizando, com isso, um longo e contínuo processo de mudança.

*Assy como*, no texto em estudo, também aparece escrita nas seguintes formas: *como*, *asy como*, *asi como*, *asy*, *assim*. Até o presente estágio da pesquisa não foi possível detectar os fatos que motivaram esse processo. Entretanto os mesmos provocaram algumas hipóteses. 1) O livro foi escrito por mais de um monge. 2) A variedade na escrita representa o idioleto de cada um dos autores. 3) O mosteiro recebia monges de variadas regiões. 4) O modo de falar era repre-

sentado na escrita. 5) O momento reclamava por uma Gramática Normativa para a *nova língua*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI SAID, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: UNB, 1964.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

Discurso do Papa às autoridades civis e ao corpo diplomático de Chipre. Disponível em:

<http://www.zenit.org/article-25124?/=portuguese>. Acesso em: 25-jul-2010.

FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2. ed. Brasília: FAE, 1995.

———. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

———. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC, 1962.

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. De predicação matriz a operador evidencial. A gramaticalização de *diz que*. *Veredas*, v. 8, n.1 e n.2 p. 163-181.

HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P, J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. V. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. São Paulo: Confluência, 1967.

MALER, Bertil. *Orto do esposo*. V. 1, Rio de Janeiro: MEC, 1956.

MARTELLOTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NEVES, M. H. de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OITICICA, José. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Simões, 1952.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Subsídios para o estudo da partícula "e" em algumas construções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 1975. In: SILVA, José Pereira da; LIMA, Valentina da Rocha (Orgs.). *Estudos de Rocha Lima: "a", "e" e "Ruy"*. Rio de Janeiro: Botelho, 2010 [CD-ROM], com apoio da ABRAFIL. Disponível em: <[http://filologia.org.br/rocha\\_lima/licro\\_3/Subsídios%20para%20o%20estudo%20da%20particula%20e%20em%20algumas%20construcoes.pdf](http://filologia.org.br/rocha_lima/licro_3/Subsídios%20para%20o%20estudo%20da%20particula%20e%20em%20algumas%20construcoes.pdf)>.

VOTRE, S. *Linguística funcional: teoria e prática*. Mimeo.

———. O imaginário português e o ensino de língua. In: BASTOS, N. B. (org.). *Língua portuguesa, uma visão em caleidoscópio*. São Paulo: Educ, 2004.